







...da terra a árvore, da árvore o papel,  
do papel o branco, do branco a idéia, da idéia o coletivo...

Tiago Spina





# Sugis-mundo

Não posso dormir assim  
sujo

já tentei de tudo  
e nada.

Morto pela gula  
a caça.

Minha herança  
na pele sangra

Minha herança  
na noite cala

Dormir nulo  
o banho desbasta

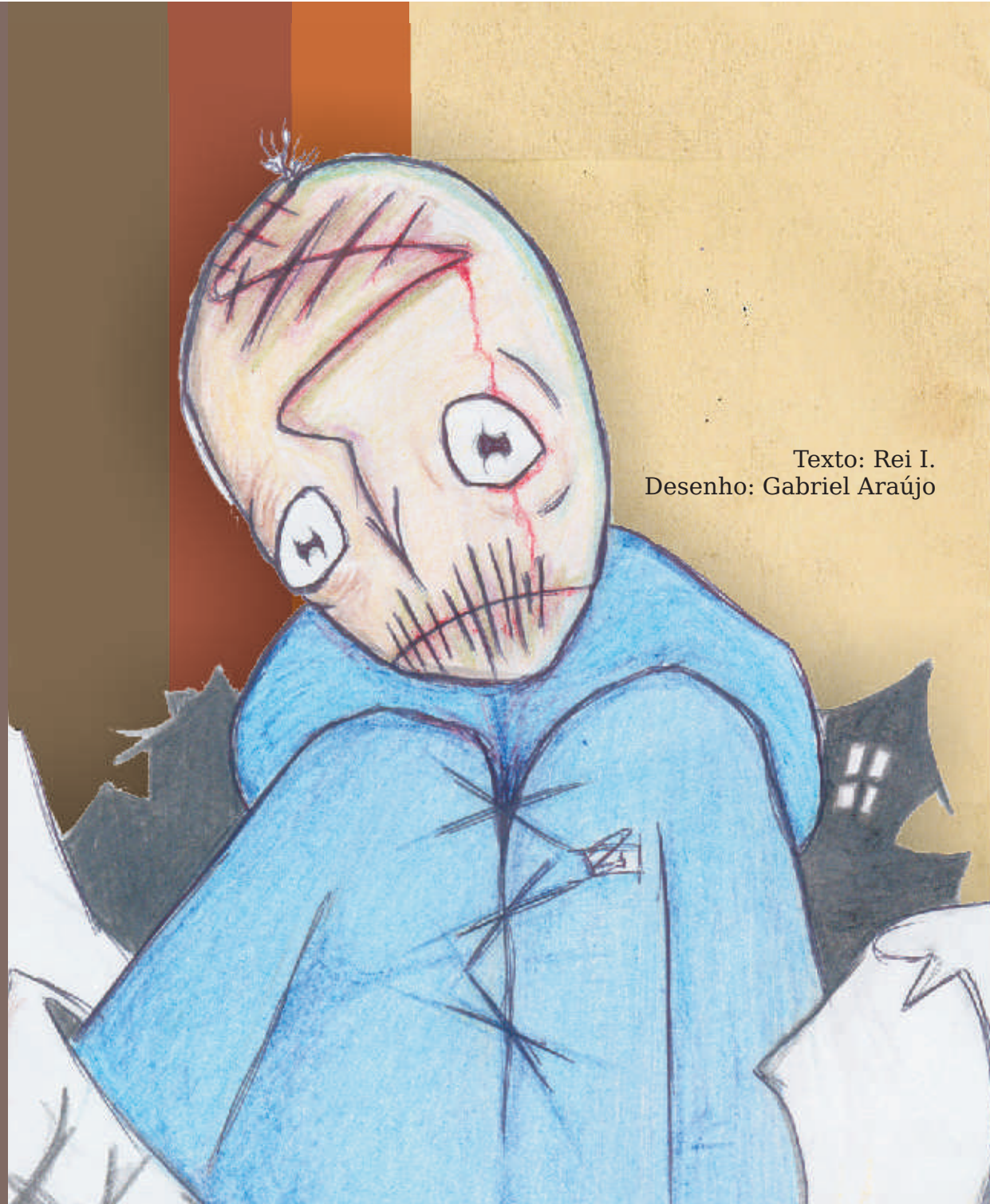
Homem-casulo  
ar de desgraça

Sujo absurdo  
sujo, disfarça

Não posso dormir assim  
sujo

Como dorme  
a minha raça

Texto: Rei I.  
Desenho: Gabriel Araújo



Dizem que Santo Agostinho, ao falar a respeito de uma das maiores inquietações da humanidade, o conceito de tempo, respondeu: “se ninguém mo perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei mais.” E assim o é. Que é o tempo? Existe um único conceito de tempo ou infinitas definições que pouco têm em comum, em diferentes áreas do conhecimento? O tempo se vive, se sente e não se define. É a velha pretensão da ciência. Para os gregos, por exemplo, o tempo era cíclico e para os celtas, espiral (o que, aliás, me parece muito mais interessante). A idéia de um tempo linear, sem retornos, parece ter sido defendida apenas pelos hebreus e os persas zoroastras. E então, essa filosofia foi incorporada pelos cristãos ao dogmatizar o conceito de que Deus é espírito e, portanto, atemporal e que alma é eterna.

A mim, só consegui traduzí-lo quando me ensinaram o tempo como uma categoria literária em que não interessa o real, e sim a poesia do tempo vivido pela consciência individual, como forma de atingir a última camada humana, o mais profundo ser. Pouco me importam Santo Agostinho, Pound, Hawking ou Einstein. O tempo é meu. Um olhar pode ser infinito. Eu sou o tempo.

E assim, em precisamente dois segundos, cuspidos pelo sinistro e encantador acaso, minha indolência foi blasfemada por aquele que tudo sabe:

-Homo Homini Lupus

-O que?

-Homo Homini Lupus.

Era um mendigo. Bem, não sei se exatamente mendigo, pois pedinte não era e, apesar de rasgado e sujo, andava de paletó e sapato, gozava de uma pompa como somente tinha visto entre os meus, e desfrutava daquela sutileza, sabedoria e doçura como somente os vagabundos fétidos e libertários são capazes.

Deparei-me com aquele errante ferindo minhas próprias profecias que teimavam em jorrar água em meu espírito, e olhei-o nos olhos. olhei-o nos olhos. olhei-o nos olhos. Uma hora. Nunca vi tamanho tormento. Imaginei uma infinidade de estórias que o trariam ali, que talvez fosse alguém como eu, um idiota infrator da mais básica lei humana: não sinta nada. Não se atreva a sentir. E que então tivesse passado a procurar um caminho nas letras dos também atormentados poetas e sem encontrar respostas teve de vagar por aí, dizendo a tal frase em latim, procurando um minuto bege no meio de tantas cores. Só os putrefatos são felizes.

Mas não tive coragem de perguntar-lhe nada. Eu sabia que toda aquela angústia era contagiosa e eu, queurgia por um choque humano nessa minha vidinha estúpida e asséptica, já havia sido infectada apenas por perceber meus tormentos naqueles olhos de sandeu. Eu sabia que meu próprio fim seria ligado ao mesmo suplício. Eu vi meus atos nos lobos daquela frase.

Sim! O homem é o lobo do homem....E eu acabara de perceber que passara meu tempo (que é linear e não mais se repete) a procurar aqueles olhos que me escarraram a culpa e nunca mais me deixariam usufruir da petulância da dúvida.

A culpa era minha. Eu sou o lobo.

Aquele pobre e fétido verme nos conhece. De frase em frase, e a cada olhar que lhe foi negado, ele vivencia, provavelmente, estórias que eu jamais sonharei, e ao menos tem a coragem de olhar de frente a mais assustadora e mordaz causa de todas: a essência humana (de lobo ou cordeiro) - a melancolia, a solidão, a loucura, o devaneio e o enlevo....eu a estudei de longe. Ele sabe. Eu fui protegida demais para saber.

A justiça: A mais cafajeste e deliciosa invenção humana. Sem a patética e ilusória segurança da justiça seríamos todos andarilhos loucos declamando bobagens em latim. Todo covarde é justo. E todo aquele que ousar tropeçar nos segredinhos humanos será acorçoado por infinito tormento. O homem é o lobo do homem. Somos todos lobos vorazes. E foi por aqueles olhos cujas histórias jamais vivenciarei que pude enxergar. Amarelo.

# Moi aussi

Texto: Christina Zaccarelli  
Desenho: Tiago Spina





# Queria que ela fosse uma amiga sexual

Texto: Leandro Andrade  
Desenho: Gabriel Araújo

Ela era a Garota Jogo-Duro. Ele, o cara que tentava furar o bloqueio. Quanto foi apresentado para ela, lhe avisaram que namorava um cara que mora em outro país e era apaixonada por ele. Relacionamento à distância? Ele já tinha destruído relacionamentos de perto, esse seria fuchinha. Ou assim pensava.

Não levou muito tempo para ter intimidade o suficiente pra dizer besteira tanto ao vivo quanto pelo msn. Ultimamente estava impossível, toda vez que conseguia fazer com que ela o visitasse, tentava agarrá-la. Virava um polvo. Cheio de tentáculos, passava a mão pelo corpo dela todo. Ela permitia por breves momentos, mas depois regulava.

Difícil explicar porque sentia essa coisa incontrolável por ela. Ela tinha atributos físicos que lhe atraíam, seus peitos são grandes e sempre se pegava pensando numa modalidade específica de masturbação com eles. Deixando de ser bagaceiro, ela também tinha um puta bom gosto musical, como nunca tinha visto em mulheres antes, o que ajudava muito.

Sentia que ela queria corresponder a esse sentimento. Mas algo (peso na consciência?) no momento de concretizar o negócio a impedia de prosseguir e dar para ele. Esteve várias vezes na cara do gol, pra ficar no domínio das metáforas futebolísticas, e nada. A que mais o revoltou foi quando estavam sozinhos no carro dele e passando as mãos em suas coxas, ela abriu as pernas permitindo que suas mãos fossem em direção a sua vagina, que estava úmida e quente, como que dando sinal de "Prossiga!".

Quando ia introduzir um dedo lá, ela fechou as pernas e tirou as mãos dele daquela região. Ele bufou, decepcionado, sem entender como tinha chegado tão perto e mesmo assim se encontrava tão longe. Isso não o impediu de tentar outras vezes. Nessas todas ele não conseguira nem um mísero beijo dela. Até o dia em que a currou no banheiro feminino de um bar.

Era o show de uma banda conhecidinha de um amigo dela do Rio. Ele foi de terno e gravata, tinha trabalhado em um evento social que exigia esse figurino. No fim do show, depois de ter recontado uma velha lenda para os caras da banda, viu-a sozinha no banheiro vazio. Ele já chegou empurrando-a contra a parede. Deu um beijo nela, ela resistindo. Passou a mão em seus peitos. Foi em direção da saia, tirou a calcinha sem muita violência, colocou seu pênis para fora e meteu nela.

Ela reclamava. Ele continuava. Virou-a de costas pra ele e continuou fazendo sexo com ela apoiada sobre o balcão das pias. Ele sentia que ela estava subjugada e já não oferecia mais resistência. Sentia que ela também vibrava de prazer daquele ataque inesperado. Ela gemia e ele terminou logo depois. Não sabia dizer se ela tinha gozado ou não. Não que isso importasse a ele na hora.

Na semana seguinte, ela se casaria com o estrangeiro e deixaria o país. Carregando consigo mais do que uma vaga recordação do momento de selvageria dele.





# O Cajado do Pastor

Se o mundo tiver “x” bilhões de pessoas, sem contar as que já morreram e as que nascerão, e a maioria absoluta passa a vida prostituindo sua individualidade em função do sustento da sua confortável mediocridade social, em outras palavras, pertencer ao rebanho (com a licença poética, “reganho”), veja-se como a pessoa “x” bilhões + 1. Que deus é esse que você acredita que continua botando um idiota atrás do outro depois de tantos? Inclusive eu.

Então, se eu acreditasse nesse seu deus, estaria criando um deus idiota. Se deus existe, não acredita no homem. Se acredita, não é deus, é homem. Porque só um idiota pra acreditar em outro.

Na busca frustrada pela perfeição a consequência torna-se a causa da emoção. Então chamamos o conforto na derrota de amor. Um sentimento, consentimento, uma força divina de acolhermo-nos ao fracasso. Se o humano fracassa e deus é amor segundo a maioria, é segundo a maioria que deus é humano.

Cada um de nós é uma peça do grande quebra-cabeça que não está quebrado por não ter pé nem cabeça. Cada um de nós é o resultado da tentativa frustrada de analisar a mente do outro. Vivemos para morrermos presos pela necessidade de libertarmo-nos. Fazemos de tudo para não morrer, pra levar a vida a nada fazer.

Isso porque a compreensão fica sendo o entendimento parcial de uma das partes e imparcial da outra sob o total desentendimento de todos e, sendo assim, no máximo nos perdemos para acharmos, no mínimo, o meio termo. Porém um consenso muitas vezes é um bolo no qual cada um botou o ingrediente que quis e depois ninguém repetiu o pedaço. A luta pela igualdade é o ponto de partida dos que têm por fim atingir a desigualdade a seu favor. Contudo, o simples fato de botar uma palavra no papel não bota o seu papel em fato.

Sem a atitude, o exemplo ou até mesmo o “cajado do pastor”, nesse mundo infestado de ovelhas maria-vai-com-as-outras (pro brejo), basta uma barreira para a palavra: a distância entre quem fala e quem ouve. Como saber se temos coragem de ser livres ou se ainda precisamos do cajado do pastor nos fundilhos? Todo bundão pisca o cu quando mencionado. Viu?





# A(ma)rte?,!,,.

Arte, ter-te,  
querer-te,  
fazer-te,  
e todos mais "tes" que tenha.

É um eu que não sei  
um inteiro que me parte,  
uma arte.

Arte,  
Ar  
que trago,  
acaba por tirar-me  
do fôlego.  
Vicie-me em ti.

t  
e  
A  
r  
da idéia,  
Desfie-me,  
em suas finas linhas,  
Teça-me como um gene,  
que em seus torneios  
constroí a mais perfeita reta.  
A que nunca existiu.

Texto: Arthur Moura Campos  
Pintura: Tiago Spina







# Escalpelado...

Quantas vezes nos sentimos escalpelados sem que arranquem um só fio de cabelo ou um pedaço do couro cabeludo... São conseqüências dessa condição desumana da qual fazemos questão de dizer com orgulho que fazemos parte... Satirizando a emoção de sentir com as vísceras... as diferenças são expostas como verdades...e estas por sua vez como certezas...

Que alternativa damos aos seres que flutuam sobre os tempos... sobre essa linearidade temporal que condiciona cada dia mais a negação de todos os princípios humanos em prol de um único princípio...o valor de troca... quantificado e qualificando...

Sinto-me como o Homem Elefante do século 21 ... que utiliza a própria condição para cutucar a ferida podre que muitos fazem questão de não ver e admito que o Amor deve ser colocado em cheque quando dispomos apenas de um amor amaldiçoado... quem não tem a coragem de amar incondicionalmente...que ame a si mesmo...isso deve bastar...tão pouco aos olhos de quem por ambição se perde no vão entre a sanidade e a loucura...assim como desejamos aquilo que não é nosso...

quinta-feira, 8 de novembro de 2007 - 04:58:10

Texto: Tiago Spina  
Desenho: Tiago Spina



o anti-[ ]

ou

Sobre Temas Revolucionários

e o que me diz  
do extenso [ ] que permeia todas as fronteiras  
protege todas as casas  
e aceita a tirania da distância como lei maior?

esse [ ] é nocivo  
precisamos combatê-lo  
com unhas e ranger de dentes  
grunhidos tristes de operários descontentes

mas veja,  
podemos nos passar por esses operários  
que revoltados, algum dia  
largarão seus postos  
para  
escreverem canções  
declamarem poemas  
baterem com força os pés  
batucarem com as mãos os corpos  
as coisas estáticas no mundo  
para num ritmo sincopado  
ajuntarem as vozes insatisfeitas  
vozes rarefeitas nulas básicas ou estreitas  
para criarem, criarem, criarem  
o novo mundo

<utopia><extrema>de operários a criadores  
</extrema></utopia>

malditas as leis criadas pelo [ ] coletivo  
maldita poesia política  
revolucionária, vermelha.  
mal dita ou nem dita,  
nem ouvida, nem sentida,  
tida por prostituída: morta!  
porém, ressuscitada, escute,  
bate à porta! como nos primeiros dias

que o propósito desse poema não seja entendido  
imediatamente!  
mas que seja digerido com calma, a cada passo à frente  
como no sonho que tive noite passada...



Texto: Rei I.  
Desenho: Tiago Spina



# O humano

Ah..O humano... aquele pedacinho irrisório de carne, ossos, covardia, tecidos, sistemas e egoísmo, expondo-se a engolir o mundo. Já tentei por tantas vezes dar o devido apreço ao ser humano que acabei por me tornar um deles. Descobri recentemente. E aqui estou, convivendo mascaradamente bem com todas as formas de feitiço moral, numa patética tentativa de me proteger contra o desgosto e o desespero. Em vão. A devassidão me sorriu. Uivo por cada sombra seca da mão que maltrata o fraco. Já despendi tantas vírgulas à procura do elevado...humano.... que acabei por desacreditar em meu próprio e falho projeto. Cansei. Não me surpreendo mais. E acredito ser a falta de susto diante do perplexo que nos torna pateticamente iguais.

É a essência de lobo essa emulação humana? Deve ter havido um tempo em que minhas dores somente urravam por um surto de ousadia, por não conter a existência, que se separavam embevecidas pelo calhorda e ensurdecedor acaso, e não pela crueldade da deglutição dos demais. Sim...já ouvi histórias de pés que oravam a si mesmos e de olhos que traçavam uma linha reta. Já fui por vezes tomada por um doce respiro de quem sabe que a sombra é passageira e de que no futuro a mãe nos acolherá. Mas agora é tarde. Sou humana demais para isso. Ultimamente tenho sentido todos aqueles medinhos medianos execráveis que nos transformam em uma raça comum. Eu, que chutei cega o morno por uma vivência mais respirável, senti o cheiro do temor em meu próprio sangue. Medo da dor. Da dor que não se vê. Preferi o morno a arriscar-me um pouco. Já sangrei demais sozinha. Só e sangue. E amaldiçoei minha própria covardia. Ah...o humano....aquele pedacinho irrisório de carne, ossos, covardia, tecidos, sistemas, egoísmo e medo.

Texto: Christina Zaccarelli  
Desenho: Gabriel Araújo





# Cru e despudorado

e eu não caibo dentro de mim. muito menos nessa socio-insanidade coletiva. revoltada? sim, eu sou. graças à essa tua bendita falta de acuidade moral. sentindo ao extremo coisas que nenhum ser humano de merda deveria, ouvindo os sons desiguais da vida maldita, pare por favor de gritar eu nunca ouço a verdade e tua cólera me ensurdece e ensandece mais ainda... eu não sei o que é amar,

sexo? é relativo. no fim tudo o é. questionam-me a liberdade. inculcam-me a descrença, me taxam segundo os rótulos preconceituados por meia dúzia de bastardos a respeito da loucura..... loucos? são todos! tudo é absurdamente desumano e julgam meu choro. chorar é o ato mais puro. e me lava a alma, mas de que chorar se não tenho uma?! porque sinto que nunca pude sentir as situações de maneira correta. rebelde, sou rebelde! eu não aceito essas tuas idéias e choro. choro até cansar de minha decadência. é aí que me taxam mais ainda. dizem que não saí da infância. eles que vão pra puta que os pariu. e coitada dela. choro a angústia sentida, extremada pela incompreensão. a angústia que vem dos sentidos exacerbados, da vida corroída e dos dedos mordidos. a angústia da essência reprimida pelas rédeas do bicho humano, nojento. filho da puta. malditos sejam os que julgam. eu quero amar sem ao menos saber o que isso é, mesmo sabendo que artistas não são amados por ninguém. por serem uma merda. merda social. entupindo o tietê de verdade. verdade sugerida pelas obras ainda não concluídas, verdade que nem sabemos qual é. anarquia cubista. é isso que somos. anarquia cubista violentada pelos idealismos da porra. quero viver artista, quero me afogar nas sinuosas curvas as quais o rio da emoção me leva e os sentimentalismos me elevam. a arte é quente e vermelha. bordô. cor de luz de cabaré. a arte é uma prostituta. de respeito. e se na tua cama deitamos, de lá só saímos mortos, mesmo que de prazer. pelo menos não foi só sexo por carência. amém.

Texto: Paula Freitas  
Desenho: Gabriel Araújo





# Distância

Num daqueles episódios de justiça, onde, entre os que se encaram com fúria, não há ódio, um deles ao perceber a derrota pede ao oponente que escreva uma carta à sua mãe e ao irmão relatando a notícia da sua queda. O vencedor então enterra o golpe fatal. Limpa a lâmina, vai até o quarto do derrotado, pega um lápis e um papel, e tenciona escrever a carta. Mas as palavras não saem. Fica então por vários dias com o lápis e o papel à mão, e nada justifica a sua estadia ali. Ao fim do décimo quarto dia escreve a carta à mãe do derrotado.

Na outra cena, que também pertence àquela primeira, está a mãe e o irmão que não imaginam o acontecido. Até que a carta chega, e o filho abre e não reconhece a letra, mas lê a carta para mãe com firmeza e um contentamento corrompido, que a engana. Em si, o irmão sabe que algo aconteceu.

Várias cartas participam da falácia, e o vencedor de outrora considera aqueles a distância seus patrícios.

Um dia depois de horas de tentativas não consegue cravar palavra alguma no papel.

A mãe e o irmão não recebem mais notícia, e se contentam em saber que não receberão mais uma única palavra do filho à distância.

Texto: Rei I.  
Desenho: Tiago Spina







Quando crescer,  
o que ser?

Eu nasci  
eu brinquei  
eu cresci  
eu andei

Eu estou  
e eu sou  
o que passou  
o que não levou

Eu tentarei  
quem dera, serei  
o que fui, o que pensei  
para então sermos.

Texto: Arthur Moura Campos  
Pintura: Tiago Spina



# proibidão #1

Texto: Leandro Andrade  
Desenho: Denis Tonon

Após dançarem até quase perderem os sentidos, os dois pararam, pois necessitavam de água. Os corpos novamente hidratados e exaustos ainda assim conservavam as suas belezas. Cada uma a seu jeito sentia tesão pelo outro; ela era loira e ele tinha poucos cabelos na cabeça raspada.

“Quero te foder aqui mesmo, como um animal”, disse ele, entrecortado pelo ritmo hipnótico da música. “Vem que eu tô sem calcinha”, ela disse já procurando o pênis dele por cima da calça. Empurrou-a para um canto. Ele abriu o zíper e penetrou-a, antes da música acabar já tinha gozado. Nesse momento ela queria mais e mais.

Ele a entrelaçou em seus braços e disse que também queria mais, mas não agora e não ali. Ela cuspiu na cara dele e ele juntou o cuspe na mão e passou na cabeça de baixo e a currou por trás. Ela gemia e gemia e pedia para ele parar. A música parou e outra não recomeçou.

Dois gigantescos seguranças do evento o ejetaram o mais rápido possível do recinto. Parecia que estavam em uma orgia particular, mas não! Era um baile de formatura. Os dois loucos como sempre haviam feito mais uma ceninha do teatro do absurdo que era aquele relacionamento doentio.

“Comer meu rabo foi um pouco demais para aquela festa careta, seu maníaco abjeto”, reclamou ela.

“Se eu não fosse maníaco você não daria nunca para mim.”

“Se aquele merda do Gugu colocar isso na coluna dele outro dia, eu te arranco a bola direita”, ameaçou a garota.

Ele tentou tranqüilizá-la, “Não vai sair, eu te garanto! Prometo que não faço isso de novo.”

“E não vai mesmo, seu filho da puta”, ela disse de forma que ele já estava excitado de novo. “E baixa essa vara que já me estourasse toda hoje. Credo, tô me sentindo como uma puta.”

“Agora tu sabe como tua mãe se sente”, gargalhou ele. “Então vem aqui, sua vadia e termina o serviço. Pelo menos chupa, eu sei que tu gosta.”

Quando estava quase gozando, ela pediu: “Bem na minha cara, seu filho da puta, e depois espalha pelos meus peitos!”

Ele não obedeceu e esporrou na boca da garota. Ela se engasgou e tossiu. E um pouco de porra escorreu pelo seu queixo. “Filho da puta!” exclamou ela, soqueando o peito dele.

Quanto a ele, já não sabia se era parte da brincadeira ou se era um protesto genuíno. Achou melhor deixar para lá e foi tomar banho.

No início da semana, ela o procurou desesperada. “Saiu no jornal, aquela bicha maconheira publicou numa nota. Seu merda! Entrei para trabalhar e todos me olharam como se eu tivesse a peste.”

“Que que eu posso fazer?” indagou ele sem convicção. “Relaxa, isso passa.”

“E se isso tivesse acontecido com a lésbica da tua irmã, me diz? A tua mãe ia ao delírio!”, ela disse quase espumando.

Numa cidade tão provinciana como aquela não restava mais nada para ela do que se mudar, e para bem longe. E nunca mais ver aquele tarado. Foi o que fez.

Ele ainda é lembrado, mesmo durante meses após o fato, e procurado por várias mulheres, que pelo menos têm a decência de dar para ele em lugares um pouco mais privados. Ele nem se lembra mais dela direito. Ela nunca mais fez sexo anal com ninguém.





# O que foi, será?!

O que foi, Joaquim? – perguntou ele, pálido e estonteado, depois de uma noite mais que humana. Sabe-se lá quem sou eu no meio disso tudo, sabe-se lá que vida é essa e que medo se tem – responde Joaquim a Adílo Toro. Adílo, assustado com a crueza da sensibilidade humana e a destreza enganatória de seus paradoxos pergunta novamente. O que foi, Joaquim? Joaquim nunca antes houvera se portado de tal forma. Já disse, porra, disse que não sei. O que não sabe? Não sei o que sei. Quem és tu, no meio disso tudo? Eu não sei quem sou, será que saberemos?! E se ser não for nada ou tudo, nunca se será mais que um nada tentando ser algo pertencente à amplitude catastrófica e inerente do tudo. Ajudem-nos a nos encontrar, alguém que veja isto por fora. Quem enxergará a vida por outra nuance, quem abdicará de suas estapeantes paixonites que guiam a vida? E, será que tantas perguntas pairando o céu de volúpia do desconhecido ajudarão em algo, que não seja um embaçamento maior dessa vista, naturalmente torpe? A relatividade de opiniões e fatos me aflige, embora eu continue acreditando que elas, embora tênues, mas discrepantes, se dirijam pra um mesmo ponto de encontro. A questão é: que lugar é esse? Filosofias amadoras e noturnas não alimentam seres humanos sub-nutridos que vivem dez trilhões de vezes abaixo dos níveis considerados miseráveis. Caramba, alguém salve a Rainha. Que eu parei de dormir pra escrever, mesmo que eu tenha idéias melhores dormindo a acordada. Clarissa chega. Quem é? Clarissa. Oi Clarissa. Oi família. O dia não foi bom, eu não amei quem tinha que ter amado e não me permiti beber coca-cola normal porque o peso na consciência é muito grande depois. Então não me perguntem se estou bem, porque a resposta será um NÃO curto e tosco. [Silêncio]. Cof cof. Alguém tossindo na cozinha, talvez seja o Lilo, o tio paranóico e tuberculoso que decidiu virar bolchevique aos três anos de idade ao assistir a um discurso político do Trótsky. Ao

quinze já tinha barba igual a do Che e aos 16 fodia garotinhas defendendo o comunismo sexual. Agora estava lá, sentado à mesa, sem perspectivas, aidético sifilítico e tuberculoso. E ainda por cima, chato. É, um comunista que literalmente comia criancinhas. E chato. VIBP: very important boring person. Clarissa continuava mau-humorada por não ter pedido pra ficar com o tiozinho da empada, e João [seu ex] continuava a azucrinar-lhe a vida atestando mil amores decorados de novela mexicana das sete. Ao menos, ele era tão sincero quanto o Carlos Manoel [ou Eduardo] ao afirmar que ela era mais bela que a lua, o sol e os et's de marte todos juntos. Era um tosco, isso sim. Risos. Alguém já salvou a Rainha? Temo pela a vida dela. Assim como temo pelos inúmeros riscos da expressão, embora sem ela eu não consiga viver de acordo com meus próprios sentidos. Caramba de vida louca essa, né não?! Caraaamba. E os malandros que o digam. E eu digo "VIVA". Digo viva ao paradoxo generalizado humano. Mas digo "MORRA" àquele que jamais se pôs na condição do outro a respeito de si mesmo. Viva, viva. Viva a sociedade alternativa.



Texto: Paula Freitas  
Desenho: Gabriel Araújo



# TENDÊNCIA COMPORTAMENTAL DA SOCIEDADE NAS PRÓXIMAS DÉCADAS

Texto: Denis Tonon  
Desenho: Tiago Spina



“... o índice de mortalidade juvenil só perde para as mortes por parada cardíaca atingindo dos 10 aos 40 anos (índice máximo de longevidade já registrado nas duas últimas décadas).”

E veja no LOURO REVÓLVER a “Retrospectiva da Década” no aniversário de 60 anos da Rede Louro:

É sancionada a lei da Auto-Identidade. Aos quinze anos o(a) jovem poderá escolher seu(s) primeiro(s) nomes(s), acrescentados então aos nomes de família que já serão herdados dos pais. Também poderá escolher o seu sexo: masculino, feminino, homo, bi, transexual, hermafrodita, eunuco, frígida ou impotente. Algumas instituições fornecem uma escolha a mais no preenchimento de requerimentos, cadastros ou formulários: o pansexual. Nos estados cristãos ortodoxos dos EUA onde essa lei já é vigente a idade para o cadastramento vai para 18 anos e não são reconhecidos os pansexuais na comunidade. Os religiosos acreditam que animais, vegetais ou minerais envoltos nos coitos gregários não possuem alma e portanto nada acrescentam a um genuíno filho de Deus.

Fallboro, saúde ou vício? Divisora de eras, a indústria de cigarros que já era líder em vendas agora detém o monopólio absoluto no mercado do fumo depois de comprar uma empresa falida de esteróides anabolizantes. Agregando os esteróides na composição dos cigarros, a Fallboro criou uma geração de fumantes hipertrofiados, ou como dizem os próprios usuários, “marombados”, que mudam de sexo e morrem aos 40 anos. A seguir, um trecho da campanha de lançamento dos produtos Fallboro:

“Os cigarros Fallboro são os únicos no mercado recomendados em academias de ginástica, passeios ciclísticos, caminhadas, montanhismo, entre outros esportes aeróbios e de esforço excessivo. Para os esportes aquáticos o usuário já dispõe do fumo Fallboro de Mascar.” – seguido da minúscula advertência: “Não é recomendado o uso por gestantes, cardíacos ou deficientes pulmonares.”

No entanto quem não tem debilidade alguma no organismo passa a ter. E ainda com o intuito de dissimular os efeitos desastrosos causados pelo consumo da droga frente a órgãos como o PROCOM e as autoridades na área da saúde, chegando até com certa naturalidade a óbito, a Fallboro cigarros disponibilizou para cada escola, clube e academia vinculados à marca uma ambulância devido a freqüentes casos de paradas cardíacas ocasionadas pelo uso dos cigarros durante os exercícios físicos.

A indústria do fumo está diretamente ligada ao fenômeno de mudança de sexo que virou a última década “de cabeça para baixo”. O consumo de cigarros com anabolizantes potencializou o efeito de alteração nos hormônios de ambos os sexos. Nos homens o principal motivo para se submeterem à cirurgia é a total e permanente disfunção erétil, a impotência sexual, inibindo a sua função natural de reprodutor macho da espécie.

Será que se Raul estivesse vivo estaria à vontade nessa “sociedade alternativa”?



# Uma de suas Bacantes

Não há como conhecer Dionísio sem entrar em sua dança. E eu, em loucura e despedaçamento, acabei por esboçar meus passos sem que percebesse, embevecida pela marginalidade do êxtase que me assustara, mas que teimei em beber. Assim me tornei uma de suas bacantes, enlevada, encantada, arrebatada num indissolúvel transe. Em vão. Ainda era engolida pela força do despeito e pesar austero que inflamam todos os meus castigos, aqueles me seguram pelas pontas dos cabelos e fazem do jugo, da sujeição, uma brincadeira de mau gosto. Eu, que já urgi ao demônio por uma leva de púrpura para aquietar as vísceras, chorei de receio por não saber reagir aos ritmos em sua celebração, no conflito resultante entre a deidade adventícia que pretende ser celebrada numa terra nova e a casa reinante que a considera uma força subversiva aos costumes.

Lembro-me do terror infundado que me pincelava os ouvidos como um sussurro impertinente de insetos enquanto se tenta dormir, e da sensação de tremor, enlevo e desgraça por ter finalmente desanuviado a atmosfera ao meu redor. Êxtase e medo em minha nuca, arroubamento e pedaços em meu dorso, enlevamento e receios em minhas pernas; embevecimento e susto em minha boca. Assombro. Não há como conhecer Dionísio sem entrar na sua dança.

Texto: Christina Zaccarelli  
Desenho: Denis Tonon







Preguiça,  
que do meu ócio se ocupa,  
não quero ter a culpa  
do teu malfeito

Fecho os olho  
e a vejo aqui  
quando os olhos abri,  
em mim te encontrei.

Te olhei e admirei  
que com seu nada completo  
me sinto como feto  
de um fruto inteiro

Será seu nada  
o tudo do mundo  
que no fundo do fundo  
só é completo de vazios?

Ah, meu querido tudo  
que me salva desse buraco negro.  
Com seu eterno logro  
julges-se ilusão eterna

Texto: Arthur Moura Campos  
Desenho: Tiago Spina



# Carta de Deus para seu Filho na Terra

Querido desajuizado

Porra, meu filho, veja bem: Eu já construí um planeta inteiro lindíssimo pra ti, mandei umas piranhas, dinheiro, até cachaça Eu mandei.

Dei um pênis para divertir-te a valer mas mandei a AIDS e a gravidez que um é para criares um pouco de juízo, e outro para no último caso não te sentires sozinho nas cagadas vida afora. Dei-te também um cu, que é para o caso de o cacete falhar um dia e não mais levantar, até nisso pensei pra ti, analisa bem.

Nas suas vagabundas, meu filho, até nelas Eu pensei para aliviar o teu fardo. Porque aí de ti se não fossem os shopping centers e os cartões de crédito que mandei, os quais ocupam-lhes o tempo aí na Terra. Isso acaba evitando essas reuniões familiares que muitas vezes não terminam bem, ainda mais quando estão aqueles seus primos meticulosos cheios de graça da parte do titio tihoso.

Agora tu bagunças o coreto aí na Terra e vem a Mim pedir um lugar aqui no céu? Tudo bem em te ajoelhares para falar Comigo, aceito os agradecimentos sim meu filho por tudo que fiz por ti. Mas o céu é um lugar onde o que reina é a paz, coisa em que não és muito chegado. Não irias adaptar-te e iríamos nos desentender por toda a eternidade que Me resta.

Meu filho, está na hora de aprenderes a virar-te, Eu já fiz a minha parte. O titio Diabo também está cansado mas os filhos dele já criaram juízo e tomaram um rumo na vida, estão ganhando rios de dinheiro e já não mais dependem do pai. Por isso um conselho, filho, política da boa vizinhança, viu? Um dia você pode precisar deles. Estou dizendo isso meu filho porque Papai te ama muito e só quer teu bem. Tens andado muito deprimido e isso Me preocupa. Estarei à disposição para ouvir-te no que der e vier, mas o importante é que encontres o teu caminho por ti mesmo para que um dia tenhas sucesso e muitos filhos, e só assim entenderás isso que estou dizendo.

Por hoje é só, o titio Diabo está vindo aqui com as esposas, vamos reunir a família. Assaremos um cordeiro que ele ganhou, coisinha simples.

Espero que em breve estejamos juntos nessas reuniões meu filho, mas tens que criar as tuas asas e libertar-te para juntar-te a nós, uma coisa de cada vez. Aproveite a vida, amado filho, para que um dia não precisas mais te preocupar com isso.

Papai do Céu



Texto: Denis Tonon  
Desenho: Denis Tonon



# Que a arte se transforme em vida e a vida em arte. . .

Não precisarei esboçar nenhuma linha que seja para ser entendido...a voz a ser ouvida é única e solene ecoando entre o que há de substancial, encerrando discursos e conceitos...

No entanto venho a passos largos encontrar somente o eu... o nada ... o nada como substância que preserva o original... aqui nada se divide, nada pode ser representado através de símbolos, neste caminho não há pedras, somente o que acreditamos que seja uma pedra ...

Estou de volta ao útero do mundo... posso ver a luz adentrando em um mundo cheio de eus de pano... travesseiros... almofadas... bonecos... de mim... tudo é líquido... confortável ...

Nascerei sem nome, cor, identidade, sem vida... pois quando se pensa em vida, logo clamamos a morte ... e seu oposto ... sincretismos deixam de existir no nada... que também perde seu sentido quando pronunciado... a importância deixa de existir como substância ... as coisas se confundem a princípio ... nada é esclarecido quando questionamos nossa própria origem ... podemos refletir e questionar as formas e representações no qual o homem tenta fugir desesperadamente de si ... nada é pessoal, nada é posse, nada é conclusivo ... apenas podemos ver mudos os atos, a ação ser realizada no prisma das consciências que se resumem em si... o que parece real são os atos neste caleidoscópio construído por sentimentos e razões extremas ... puramente pessoais ...

Nada pode ser feito sem um espelho no qual se entra e não regressa mais ... podemos criar infinitamente uma virtualidade na qual nos propomos a viver sem questionar ...

Quando estamos no processo do nascimento as ilusões se desfalecem com rapidez e trazem consigo uma dor aguda mais breve ... quando conhecemos pela primeira vez o ar ...

O grito necessário, o grito ... sem regras, sem contextos ... ser livre ... dentro do nada ...

Tudo se torna efêmero mas sem perder seu valor intrínseco ... as dúvidas existem neste mundo substancial devido ao caos que produz a energia necessária para sermos o que somos ...

Não sou mais um artista... nunca fui nada ... meu nome não posso

pronunciar ... a arte criada abandonei como uma criança indesejada ... apenas sei o que devo criar ... a arte se transforma na existência e a existência em arte ... nada se divide ... eu do mundo ... eu da arte ... eu de outros ...

O sonho é palpável ... o indivíduo que se propõe a nascer como homem ... dificilmente se reconhece como um animal ... ilude-se com a própria imagem ... devastando tudo que se opõe a sua vontade ...

O universo propaga seu som... no vácuo... um som mudo ... um som que omitimos ... substituído por ruídos organizados ... o som é caótico por essência ... como tambores vibram dentro de nós ... animais que ignoram ... penetremos nas ondas colossais com os sentidos entorpecidos ... nada aqui é literal ... nada ... nada verdades ... nada de caminhos ... nada de conclusões ... não sejamos fracos a ponto de sustentarmos toda esta história ... nem fortes o suficiente para nos iludirmos com o poder ... eu sou a arte ...



Texto: Tiago Spina  
Cadeira pintada: Tiago Spina



C r i a ç ã o   C o l e t i v a



ARTE 100 IND. GENTE



## Código Morse

A	.-	N	-. .
B	-... .	O	---
C	-.-. .	P	.---. .
D	-.. .	Q	---.-
E	.	R	.-. .
F	..-. .	S	... .
G	--. .	T	-
H	.... .	U	...-
I	..	V	...-.
J	.---	W	.-.-
K	-.-. .	X	-.-.-
L	.-... .	Y	-.--
M	--	Z	--.. .

Textos: Coletivo

Desenhos: Coletivo

Diagramação e Fotos: Tiago Spina

© Copyleft 2008 É autorizada a reprodução desta obra para fins não comerciais desde que o autor e a fonte sejam citados e esta nota seja incluída.

[www.arte100.net/porta1](http://www.arte100.net/porta1) - Arte 100 Ind. Gente - 2008 - Brasil